

# O MASTRO

MOVIMENTO DOS CURSILHOS DE CRISTANDADE

Secretariado Regional da Grande Lisboa | Boletim de Ulreia | Ano III – Nº33 | Julho 2013

Neste número

Ano da Fé na Grande Lisboa

ANO PASTORAL 2012-2013

Colaborei com o Pai do Céu

pág. 2

Catequeses do Santo Padre  
no ano da Fé

pág. 3

“ANO DA FÉ”

Vida de oração

pág. 4

“ULTREIA REGIONAL”

Deus nas Férias

pág. 5/6

“CANTINHO DAS ULTREIAS”

Oportunidade – o outro lado da  
crise

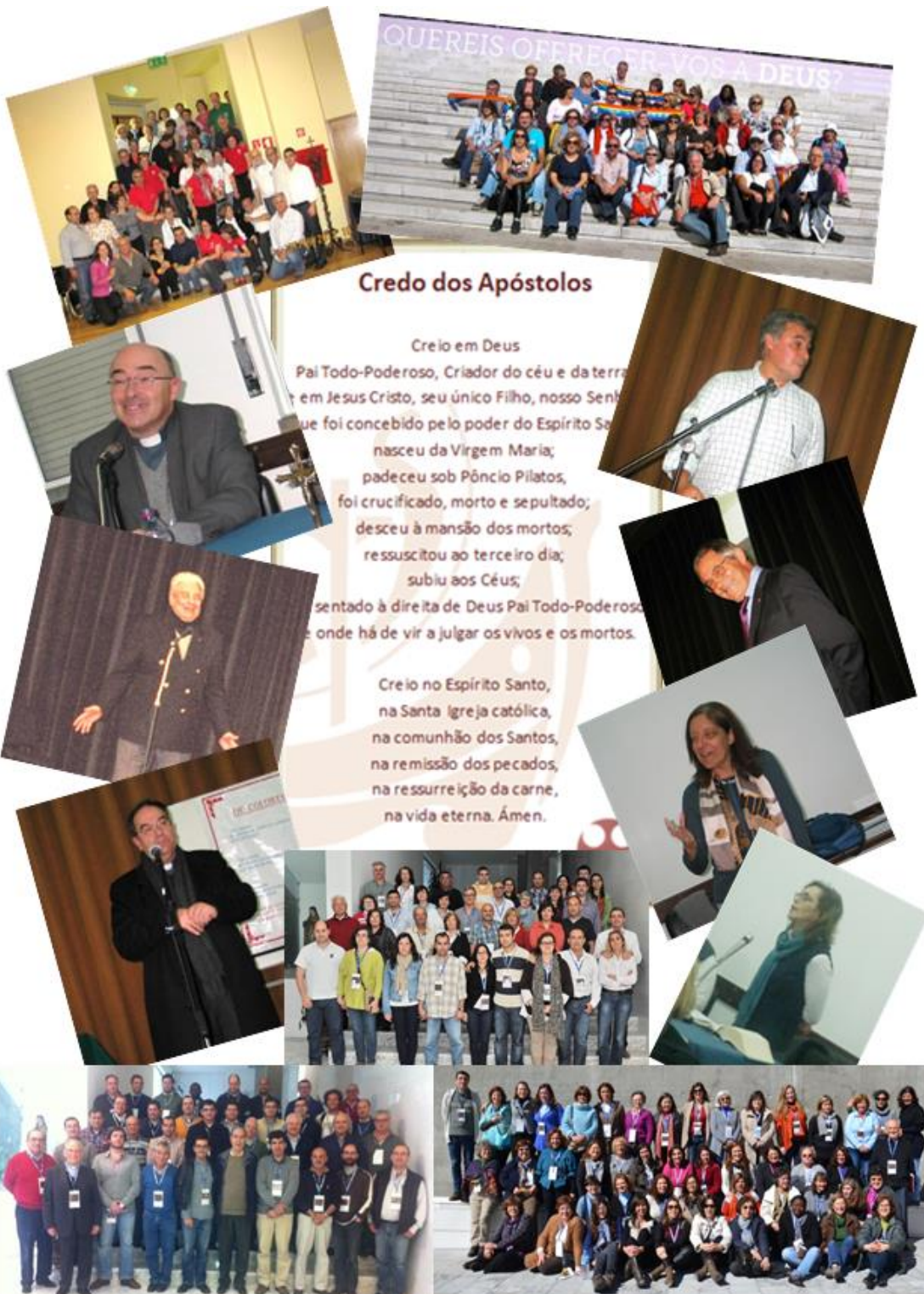
Informação das Ultreias

pág. 7

## Credo dos Apóstolos

Creio em Deus  
Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra;  
e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor,  
que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;  
nasceu da Virgem Maria;  
padeceu sob Pôncio Pilatos,  
foi crucificado, morto e sepultado;  
desceu à mansão dos mortos;  
ressuscitou ao terceiro dia;  
subiu aos Céus;  
sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso,  
e onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo,  
na Santa Igreja católica,  
na comunhão dos Santos,  
na remissão dos pecados,  
na ressurreição da carne,  
na vida eterna. Amén.



## Colaborei com o Pai do céu

"Era uma vez um homem que possuía um grande jardim, onde foram cultivadas as mais variadas flores. Perto desse jardim morava um menino que amava muito as plantas. Muitas vezes ele abandonava os brinquedos e encostava o rosto na cerca para olhar o jardim e admirar o colorido das flores.

O garoto também tinha o seu canteirinho na frente da casa. Possuía uma pá, um regador, mas não tinha ainda nenhuma muda de flor para plantar. O dono desse grande jardim é muito estranho - pensou o menino. Ele não tem o menor cuidado com as suas plantas. Não limpa os canteiros, não afofa a terra e nem a rega com frequência.

Um dia, quando o homem visitava o seu jardim, parou em frente a uma pequena roseira torta com apenas umas poucas folhinhas verdes. Chamou o empregado e disse-lhe: - Arranque esta roseirinha. Ela nunca produzirá flores. Atire-a para fora da cerca. E o empregado fez exactamente como ele mandou.

Naquele dia, quando o garoto voltava da escola, viu a roseirinha arrancada na beira da cerca e monologou: - Pobre roseirinha! Como ele teve coragem de a arrancar... Aí onde a puseram você nunca dará rosas. Vou colocá-la no meu canteiro e cuidar dela. Chegou a casa, trocou de roupa e, juntando a pá e o regador com água, cavou bem no centro do seu canteiro, revirou a terra e ali depositou a roseirinha torta, deixando-a na melhor posição possível.

Não se descuidou da planta. O calor do sol aquecia-a, ele regava-a e algumas vezes a chuva refrescava-a.

Um dia, ele reparou que nela surgia um botãozinho verde. A mãe explicou-lhe que dali certamente sairia uma bonita rosa. De fato, na semana seguinte ele olhou da janela e, radiante, chamou a sua mãe. Nem podia esperar para se vestir... Desabrochava uma linda rosa branca da roseirinha torta.

Cada pessoa que por ali passava, naquele dia, parava para admirar a pequena roseira com a sua única rosa branca. À tardinha, o garoto ouviu uma voz do outro lado da cerca. Era o dono do grande jardim que dizia: - Que rosa lindíssima tem aí no seu canteiro, meu filho. É mais rara e mais bonita do que qualquer uma das minhas. Como foi que você a conseguiu? - O senhor não se lembra daquela roseirinha torta que mandou arrancar e deitar fora? Pois é ela. Eu apanhei-a murcha, seca e plantei-a.

Colaborei com o Pai do céu no cuidado com a planta e ela cresceu e produziu já esta bonita rosa - respondeu o menino. O dono do grande jardim compreendeu a lição e saiu dizendo para si mesmo a expressão do menino: "*Colaborei com o Pai do céu no cuidado com a planta e ela cresceu...*"

Assim como o dono do grande jardim, vamos terminar este ano pastoral certos de que "*Colaborámos com o Pai do céu no cuidado com a planta e ela cresceu...*"

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU* no cuidado com o meu grupo e ele cresceu...

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU* no cuidado com a minha Ultreia e ela cresceu...

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU* no cuidado com as minhas obras de apostolado e elas cresceram...

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU* no cuidado com a Igreja de que faço parte e ela cresceu...

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU* e a oração do Credo cresceu, porque rezada mais vezes neste ano da Fé

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU* e as Missas Penitenciais foram especiais

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU* e as Ultreias Temáticas foram uma oportunidade de estudo

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU*, e na minha Diocese realizaram-se 10 Cursilhos. A mensagem de que "Deus em Cristo nos ama" chegou a mais 244 novos irmãos.

*COLABOREI COM O PAI DO CÉU* e terminámos o ano com a boa notícia de que Portugal vai ser pela primeira vez, e nos próximos quatro anos, sede do OMCC - Organismo Mundial do Movimento dos Cursilhos de Cristandade.

Mais do que avaliar o passado é preciso projectar o futuro, na certeza de que as nossas mãos são as mãos de Cristo e que Ele continua a precisar da nossa colaboração, sempre, mais e mais!

O principal desafio do próximo ano pastoral será a comemoração de 1000 cursilhos na Diocese de Lisboa.

Vou continuar a COLABORAR COM O PAI DO CÉU?



### 5 de Junho de 2013

Convido a todos, neste Dia Mundial do Ambiente, a um sério compromisso no sentido de se respeitar e guardar a criação, ser solícito por cada pessoa e contrastara cultura do descarte e desperdício com uma cultura da solidariedade e do encontro. Logo no início da história, Deus mandou-nos cultivar e tutelar a criação, fazendo dela um jardim, um lugar habitável para todos; esta ordem, porém, não se refere só à nossa relação com o ambiente, mas também às relações humanas. A crise, que hoje se vive, reflecte-se no ambiente, mas é sobretudo humana. A vida humana já não é sentida como o valor primário a respeitar e tutelar; sacrificadas aos ídolos do lucro e do consumo, vemos as pessoas descartadas, postas de lado, sobretudo se ainda não são úteis, como o bebé por nascer, ou já não produzem, como os idosos. Jesus não quer desperdício; depois da multiplicação dos pães e dos peixes, mandou recolher os pedaços que sobraram, para que nada se perdesse. Lembremo-nos que o alimento que se joga fora é como se fosse roubado da mesa do pobre, de quem tem fome.

### 12 de Junho de 2013

A Igreja é o "Povo de Deus". Isso significa afirmar que Deus não é posse exclusiva de nenhum povo, mas é Ele que nos convida a pertencer ao seu povo, e esse convite é dirigido a todos sem distinção. A quem se sente longe de Deus e da Igreja, a quem está hesitante ou indiferente, a quem pensa que não pode mudar, é preciso dizer: o Senhor também te chama para ser do seu povo e o faz com grande respeito e amor. A pertença a este povo, cuja lei é o amor a Deus e ao próximo, dá-se por meio do Baptismo e da fé em Cristo, dom de Deus que deve ser alimentado e crescer ao longo da nossa vida. A missão do Povo de Deus é levar ao mundo a esperança e a salvação de Deus, fazendo que o Seu Reino se desenvolva até a sua perfeição, com o retorno glorioso de Cristo. Lembrem-se, a realidade, que às vezes parece sombria e dominada pelo mal, pode mudar, porque Deus é o mais forte!

### 19 de Junho de 2013

A Igreja é o Corpo de Cristo, que é a sua cabeça. Como o corpo de uma pessoa não sobrevive separado da cabeça, assim nós temos de permanecer unidos a Cristo, permitindo-Lhe que actue em nós, que a sua Palavra nos guie e a sua presença eucarística nos alimente e vivifique. A imagem da Igreja como Corpo de Cristo ajuda-nos a ver outro aspecto: há nela uma grande variedade de tarefas e funções, mas todas estão interligadas e concorrem para formar um único corpo vivo, profundamente unido a Cristo. Todos devemos fixar isto: fazer parte da Igreja significa estar unido a Cristo e receber d'Ele a vida divina que nos faz viver como cristãos, significa permanecer unido com o Papa e os Bispos que são instrumentos de unidade e comunhão, e significa ainda aprender a superar individualismos e divisões, a entender-nos melhor, a harmonizar as diferenças e riquezas de cada um. Para o corpo sobreviver, os membros devem estar unidos! A unidade é superior aos conflitos.

### 26 de Junho de 2013

Uma das imagens que ilustra o mistério da Igreja é a de Templo de Deus. No Antigo Testamento, o Templo construído por Salomão era o lugar por excelência do encontro com Deus, pois ali se guardava a Arca da Aliança, sinal da presença do Senhor no meio do seu povo. Porém este Templo era somente uma prefiguração da Igreja, que é a verdadeira casa de Deus, o Templo onde mora o Espírito Santo, que a guia e sustenta. A Igreja tem Cristo como pedra angular e cada batizado é como que uma pedra viva neste edifício espiritual. Isso significa que na Igreja, ninguém é inútil, ninguém é secundário ou anónimo: todos formamos e construímos a Igreja. Por isso se falta o tijolo da nossa vida cristã, falta qualquer coisa à beleza da Igreja.

ANO DA FÉ 2012  
2013

## “Vida de Oração”

O corrente Ano da Fé convida-nos ao aprofundamento e mais intensa vivência da nossa fé. Seria um ano frustrante e em vão se nada acontecesse no caminho da nossa conversão, no fundo, se não houvesse da nossa parte uma maior aproximação de Deus. E essa aproximação faz-se pela vida de oração.

Orar é aproximar-se e conversar com Deus sobre os problemas da vida.

Como se conversa com um amigo. É lembrar-se de Deus. É pensar n'Ele. É escutá-Lo no silêncio do íntimo da nossa consciência. É fazer silêncio para O admirar e contemplar na beleza da natureza e fenómenos naturais.

É senti-Lo na grandeza dos gestos humanos vividos na humilde simplicidade do dia a dia. É descobri-Lo na beleza das pessoas e fazer-Lhe apelos nas tragédias e deficiências/ fragilidades humanas. É surpreende-Lo onde parece não estar mas está sempre. É abrir-Lhe a porta do coração quando Ele já desde há muito está dentro sem se cansar de tanto esperar. Orar é uma vida de amor, são olhos nos olhos de quem nunca se esquece nem procura esquecer. Orar é ter sempre a antena ligada para escutar a Palavra de sempre e da “última hora”. Orar é sentir-se na presença de Deus. Orar é dar a Deus a oportunidade de ser dom na nossa vida e de connosco caminhar. É descobrir as pegadas de Deus na areia quando nos julgamos sós e desamparados. É um encontro entre Deus e o homem - Deus ao “encontro do Homem” porque o “homem é capaz de Deus”.

Para orar é preciso *querer* orar e *aprender* a orar. Os apóstolos queriam orar mas não sabiam bem como e, por isso, pediram a Jesus que os ensinasse a orar e Jesus ensinou-nos a orar, exemplificando com o célebre Pai Nosso, uma oração universal que pode ser recitada por crentes das várias religiões. E o Espírito Santo ensinou os filhos de Deus a orar através da Tradição viva da Igreja.

A vida e o tempo oferecem-nos oportunidades contínuas de oração pessoal. O problema é que esquecemo-nos facilmente d'Ele e só a Ele recorremos quando precisamos; distraímo-nos demais para entrar nos caminhos da interioridade da nossa vida porque bem mais fácil continuar no exterior; optamos por modelos de vida materialista mais conformes com o conforto e bem-estar físico; preferimos modelos produtivos e científicos assentes nos valores da produção, êxito e rendimento e por isso consideramos que “a oração é improdutiva, logo, inútil” quando, na verdade, a oração é o “amor da beleza”... “orar é um mistério que ultrapassa a nossa consciência e o nosso inconsciente” (Cat. n.º 2727); preferimos modelos produtivos e científicos assentes nos valores da produção, êxito e rendimento e por isso consideramos que “a oração é improdutiva, logo, inútil” quando, na verdade, a oração é o “amor da beleza”... “orar é um mistério que ultrapassa a nossa consciência e o nosso inconsciente” (Cat. n.º 2727); perdemos a paciência com a espera e a não obtenção imediata do que a Deus pedimos como se Deus estivesse sujeito ao nosso tempo; sentimos alergia à aridez, ao silêncio, “à gratuitidade da oração”; preferimos ocupar o tempo com múltiplas coisas numa vida de correria e activista onde Deus não tem lugar porque objectivamente já nada diz ao nosso tempo.

É necessário esforço e empenhamento pessoal. Confiança e perseverança, fé, conversão e vigilância do coração (ver Cat. n.º 2754-2755) “Orai sem cessar” (1Tes 5,17). “Orar é sempre possível. É até uma necessidade vital. Oração e vida cristã são inseparáveis” (Cat. n.º 2757).

A Igreja propõe-nos tempos e ritmos de oração. Como refere Cat. n.º 2698, alguns são quotidianos: a oração da manhã e da noite, antes e depois das refeições, a liturgia das horas. O Domingo, centrado na Eucaristia, e santificado principalmente pela oração. O ciclo do ano litúrgico e suas grandes festas são ritmos fundamentais da vida de oração dos cristãos.

Não esqueçamos: o domingo é o dia do Senhor, um dia especialmente dedicado à oração, ao encontro pessoal e comunitário com Deus.

Neste Ano da Fé particularmente criaram-se iniciativas interessantes. Famílias há que introduziram o hábito de rezar o terço todos os dias conjuntamente com o Santuário de Fátima via Rádio Renascença ou televisão Canção Nova, outras de todos os dias frequentarem a Eucaristia, outras de rezarem juntas, outras de se deslocarem a um lugar de peregrinação, outras de lerem livros formativos de carácter espiritual, outras de estudarem documentos do concílio Vaticano II e do Catecismo da Igreja Católica, outras de visitarem e rezarem todos os dias numa qualquer igreja por que passem, outras de não gozarem férias sem Deus ... Tudo isto são meios que favorecem a mudança do nosso coração de crentes. São formas de corresponder ao apelo do Papa ao instituir o Ano da Fé.

É na oração que o homem busca a Deus e se encontra com Deus.

Jorge Santos

Realizou-se a 19 de Junho, uma Ultreia Regional na Grande Lisboa que levou todas as Ultreias até Cascais. Subordinada ao tema "Deus nas férias" proclamado pela Isabel Roldão da Ultreia de Lisboa, foi com muita atenção, entusiasmo e crescente alegria que todos os que puderam viver esta Ultreia, seguiram o rolho da Isabel, que generosamente o passou para o papel e permitiu a sua publicação.

### DEUS NAS FÉRIAS

Aproxima-se o verão e ressurgue a questão «Como vivo eu esta presença de Deus na minha vida, durante as férias?» Mais importante do que apresentar um rol de actividades que já vivenciei ou que julgo poder vir a viver, nas próximas férias, escolhi partilhar convosco um pouco da minha história de vida. Sem Deus. Com Deus. Com Deus, com olhares e abraços diferentes.

Quando penso em férias, lembro sempre as palavras Eternidade, Vastidão..

E com estas palavras, que são sobretudo feitas de memórias, recorde e partilho convosco um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen:

#### Os dias de verão

**Os dias de verão vastos como um reino  
Cintilantes de areia e maré lisa  
Os quartos apuram seu fresco de penumbra  
Irmão do lírio e da concha é nosso corpo**

**Tempo é de repouso e festa  
O instante é completo como um fruto  
Irmão do universo é nosso corpo**

**O destino torna-se próximo e legível  
Enquanto no terraço fitamos o alto enigma familiar  
dos astros  
Que em sua imóvel mobilidade nos conduzem**

**Como se em tudo aflorasse eternidade**

**Justa é a forma do nosso corpo**

Sophia é a *minha poetisa*. Com ela cresci na minha escola, entrando nos seus livros desde que praticamente me conheço e continuo a percorrer esta vida tentando transmitir esta herança de beleza aos alunos que me são confiados, todos os anos.

Com ela, recorde as cores, o brilho, os cheiros, a eternidade dos dias de verão. A promessa de uma eternidade de felicidade como aquela que JESUS nos assegura. Viver com Deus nas férias é como viver com Deus em qualquer outra altura do ano.

Se não estamos com Ele no nosso trabalho, na nossa família, em todos os locais por onde passamos, então também não será possível vivê-Lo nas férias, apenas porque temos mais tempo ou mais disponibilidade. Também não serão as distrações das férias, naturais e merecidas, que nos vão fazer esquecer Aquele que é "o mastro grande do barco da nossa vida", se o tivermos vivido como tal durante o resto do ano. Se o tivermos verdadeiramente em nós, não será uma simples *mudança de ares* que nos desviarão do Seu olhar!

Desde há muito tempo que as minhas férias são vividas em dois locais diferentes. Praia e campo. Mas nem sempre as vivi como hoje as vivo.

O meu encontro com o Senhor foi tardio. Por isso, se eu tinha os olhos cerrados para a presença de Deus na minha vida, como seria possível que Ele passasse as férias comigo? Até aos trinta e poucos anos, o mês de agosto era invariavelmente passado entre a Ericeira e o Algarve. Com a chegada das filhas, a Ericeira foi sendo deixada para trás. O calor certo, a água mais quente e calma eram justificações mais que válidas. Entretanto, e sem que eu saiba dar uma explicação de ordem humana (embora também não me interesse fazê-lo), Deus foi sussurrando no meu coração e eu, já mulher feita, vi-me a caminho da catequese de adultos e a experimentar uma alegria nova, que atingiu um pico de felicidade no dia em que fiz a minha 1ª Comunhão e Crisma.

Aos trinta e cinco anos, renasço. Descubro um Deus próximo, que está vivo e que me ama. Com esta certeza, e com muita vontade de tudo aprender sobre o Jesus Amor, inicio uma caminhada com um entusiasmo infantil, porque tão simples de experimentar.



A missa dominical tornou-se natural na minha família. Como me tinha sido ensinado, rezava de manhã é à noite, conversava com Jesus, e rezava o Pai Nosso e a Avé Maria. Simultaneamente, lia. Recordo um episódio de férias. Aliás, de final de férias. Com a azáfama de fazer das malas e com o fechar da casa, acabei por deixar para trás um objecto que me fazia muita falta. Chegada a Lisboa, telefonei de imediato à minha sogra, que ainda ficara no Algarve por mais uns dias, e pedi-lhe que me trouxesse esse objecto. Naturalmente que ela julgou ser ou uma peça de roupa ou um anel, ou algo do género. Quando eu lhe disse que era a Bíblia verde e pequenina, a qual tinha sido dada ao meu marido quando ele era criança, ela nem queria acreditar! Eu, ainda tão no início da caminhada, e sem o saber, já colocara um dos pilares do nosso Tripé como estruturante da minha vida: o Estudo. Todas as noites eu lia uma parte. Em primeiro lugar, os Evangelhos. Em segundo lugar, os Evangelhos e claro, em terceiro lugar os Evangelhos.

Como iria ser surpreendida por esta expressão, poucos anos depois, quando o Senhor me chama a viver o meu Cursilho! Ah, alegria jubilosa! Como será possível descrever sem gestos, sem olhares, o que viveu o meu coração, o meu entendimento?

Todo o meu ser e viver desejavam exclusivamente uma coisa: agradar a Deus. A este Deus que se revelou naqueles três dias de uma tal maneira que eu O podia sentir em mim e nos outros!

E o turbilhão fez-se presente. Começo o meu percurso de catequista. Participo em múltiplos projectos paroquiais. Disponibilidade total para a Igreja, para o Movimento, para os outros, para Jesus... Desta altura, recordo que não me permitia faltar a uma missa (nem que para tal tivesse que percorrer vários quilómetros!), as constantes visitas ao sacrário, o terço, até a ida a uma Ultréia em Faro, porque era impensável passar um mês sem Ultréia. Um outro lado do tripé impunha-se: a acção!

Entretanto, as filhas começam a crescer e as necessidades da adolescência pareceram-nos, a mim e ao Zé Pedro, imperativas. Sempre tivemos o entendimento que mudar uma fralda ou dar uma papa, qualquer um pode fazer.

Estar atento às mudanças de humor e comportamento de um adolescente, é dever de pais. Não há substitutos e se queremos ganhar os nossos filhos, este é o momento de nos fazermos insubstituíveis, com a certeza de que nunca seríamos pais perfeitos, mas que seríamos pais. Por outro lado, as nossas limitações físicas levaram-nos a um ponto de cansaço físico que era imperioso parar e reflectir, sempre com o Senhor, o que pretendia Ele de nós?

Como poderíamos continuar a viver na Sua presença na realidade das novas circunstâncias?

E o Senhor não nos abandonou.

Alguns projectos foram deixados para trás.

E hoje, sem pretender ter atingido algum ponto de equilíbrio, pois o equilíbrio é Ele per si, encontro-me serenamente na verdade de que não é possível fazer tudo e que Deus não me ama menos, por eu reconhecer tal. Só que o meu coração só sossega quando bate ao mesmo ritmo do Seu coração. E pedi-Lhe que me mostrasse como era possível continuar a caminhar com Jesus, agora também noutra local de férias, Pedrógão Grande. Muitas vezes, sem a possibilidade de O visitar todos os dias no sacrário ou na missa dominical.

E sabeis, nos últimos tempos dou por mim a viver uma intimidade silenciosa com o Senhor nos locais onde estou, seja no mar ou noutra local qualquer.

Continuo a gostar muito de um dia de praia valente! Sol, mergulhos, sal, o cheiro do protector solar... E no final do dia, ao dar um passeio à beira mar, tornou-se natural, quando mergulho e o meu corpo fica novamente impregnado de todo aquele mar, dar por mim a agradecer a Deus aquele momento! Tão cheio de brilho, de luz, de vastidão e de promessa... Não exagero se afirmo que me sinto abraçada por Deus... porque o mar que me envolve é obra da Sua Criação!

Igualmente, esta natureza-sacrário que se expõe todos os dias para cada um de nós é vivida por mim em Pedrógão. Depois de ter passado o dia junto da piscina, no bulício dos sobrinhos que saltam para a água, exigentes do olhar atento dos pais e da tia, das correrias de bicicleta ou de outra coisa qualquer, acaba sempre por chegar aquele momento do silêncio em que recolho a casa. Pelo caminho, de terra batida sulcada pelos carros que a percorrem, dou por mim a louvar o Senhor pela formiga que passa e corre atarefada, pela cor das folhas da videiras e pelos cheiros a calor que só quem conhece o interior sabe o que isto quer dizer. Os sons das cigarras confirmam-no. E olho para o céu. E sorrio.

Tal como sorrio para o meu tio velhote que já está no lar de idosos. Não são férias se não estiver com ele! Ao entrar naquela sala, maravilho-me com o seu olhar. O olhar de um velho que sabe que já nada tem a perder... mas também que tudo ainda pode esperar. E, invariavelmente, as suas palavras são «Graças a Deus que vieste!» e eu sei que é mesmo graças a Deus, e que de alguma forma estou com Deus, porque se cumpriu aquilo que Jesus nos disse «Quando estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estarei no meio de vós!»

Sem que me apercebesse, as férias foram-se tornando um tempo de escuta. De contemplação. De adoração.

Louvo o Senhor pelo tudo que é a minha vida.

Louvo o Senhor pela graça que são as férias.

Louvo o Senhor por transformar o meu olhar e o meu sentir... pela comunhão que é esta forma de Oração.

Pelo instante que promete o apaziguamento de um ano de trabalho e pela certeza de continuarmos a contar um com o outro nesta missão de espalhar o fogo do Seu amor por todos os ambientes por onde ousarmos passar.

DeCores!

Isabel Roldão



## Oportunidade — o outro lado da crise

A cada dia que passa somos bombardeados com as manifestações da “crise”. Num imenso mar de lamentações navegamos à deriva sem vislumbre de um porto seguro...

A crise provoca em nós um estado de dúvidas, incertezas, tristeza, desalento e perda de vontade de lutar. Não adianta, porém, virar-lhe as costas, há que enfrentá-la sabendo aproveitar a “oportunidade” para olharmos a realidade com outros olhos, para sermos criativos. Ao longo da história muitas foram as crises que o mundo enfrentou. Ao adaptar-se, a humanidade foi evoluindo, aproveitando essa oportunidade de mudança que lhe está subjacente.

Do Grego “Krisis” significa, pela sua etimologia, um momento decisivo, uma emergência, um risco, mas simultaneamente uma oportunidade de mudança. Muitas vezes a palavra “crise” é usada para mascarar e camuflar a falta de esforço e perseverança, o comodismo, a resistência em aceitar mudanças (muitas vezes dolorosas, mas necessárias).

Diz-se que há falta de oportunidades, mas elas não caem do céu; são o resultado do nosso investimento e empenho nas nossas habilidades e talentos. Oportunidade (do latim “opportunus”, significa favorável, desejável) é, pois, um momento propício para se rever, crescer e avançar.

Como humanos que somos, deixamo-nos facilmente deslumbrar com conquistas e triunfos, esquecendo-nos como somos frágeis, sujeitos à queda e ao fracasso. Esta realidade pode levar-nos à crise a qual nos obriga a encarar essa mesma fragilidade.

Assim, as crises fazem-nos Crescer, objectivo primordial da nossa qualidade de Homens, feitos à imagem de Deus.

Por Ele e para Ele fomos criados e longe d’Ele a nossa vida não tem qualquer sentido.

Com todo o “ruído” que nos envolve tornamo-nos por vezes “surdos” ao Seu chamamento; facilmente nos “distraímos” com os muitos apelos que nos atraem a atenção...

*Que este tempo de férias seja não só um tempo de descanso, mas também um tempo de reflexão e de crescimento. Aproveitemos as “crises”, não só a global mas também as nossas – particulares, pessoais, íntimas – para nos virarmos para Deus, reconhecendo que Ele é o nosso porto seguro, o nosso farol, a nossa razão de viver, a nossa oportunidade – a resolução da nossa e de todas as crises.*

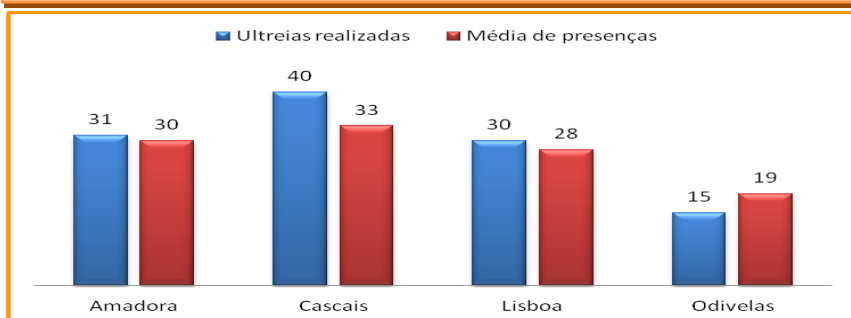
DeColores

Rui e Natal da Ultras de Lisboa

(texto adaptado do livro “Valores de sempre” de Abel Dias)

### Informação das Ultras

#### Estadísticas 2012-2013



#### Fecho para Férias

Ultras da Amadora	11 de Julho
Ultras de Cascais	25 de Julho
Ultras de Lisboa	11 de Julho
Ultras de Odivelas	21 de Junho

A edição do MASTRO será interrompida no mês de Agosto.

A todos desejamos um santo tempo de descanso e de crescimento na Fé e na Vida Espiritual.